

# “Vacinar... uma responsabilidade de todos e para todos”

Medo, desconhecimento, mitos, crenças culturais, são algumas das razões que levam à não vacinação

**SARA FREITAS**  
ENFERMEIRA ESPECIALISTA DE SAÚDE  
INFANTIL E PEDIÁTRICA  
CSVFC - USISM

Desde a sua criação em 1965 que o Plano Nacional de Vacinação visa vacinar de forma precoce e o maior número de pessoas possível, por forma a conferir imunidade individual e coletiva, tão importantes para a sustentabilidade da saúde pública. Em Portugal, tem sido um dos programas de maior sucesso em saúde pública e a sua concretização deve-se ao empenho incansável dos seus profissionais em todo o país, cuja confiança na vacinação tem permitido poupar milhares de vidas, evitando complicações infecciosas graves, principalmente na primeira infância. Destaca-se assim, a importância da primovacinação.

É graças à prática de vacinação continuada e universal da população portuguesa que se têm conquistado altas taxas de cobertura vacinal, atingindo percentagens de 96 a 97% na primovacinação. No entanto, sobretudo, os surtos de sarampo que se têm verificado nos últimos tempos em alguns países, tem-se revelado uma situação preocupante. Na base deste surto e que abala fortemente a construção de políticas saudáveis de um país, podem estar os movimentos anti-vacinas e a decisão de alguns pais em não vacinar os seus filhos, principalmente com a vacina VASPR, com o receio de que estes desenvolvam distúrbios, como o autismo. Apesar de estudos recentes afastarem esta hipótese, o certo é que a administração desta vacina continua a gerar dúvidas entre os pais. Importa assim, esclarecer: um indivíduo que não seja vacinado está protegido pela imunidade de grupo, nos países onde as doenças



estão controladas. Mas, ao viajar para zonas onde essas doenças estão ativas, pode contrai-las e até reintroduzi-las no país de origem. Aqui está o espelho e o peso das consequências de nossas escolhas e decisões como cidadãos inseridos numa comunidade. É caso para dizer que o conquistado ao longo de tantos anos com políticas efetivas de vacinação universal e, de

acesso a todos, pode já não ser um dado adquirido.

Portanto, este é um assunto da esfera de preocupação dos enfermeiros e, a quem cabe o ato da vacinação. Esta premissa torna-se ainda mais relevante quando estamos a lidar com pais. Tal como defende T. Berry Brazelton, devemos ter em mente que todos os pais ambicionam o melhor para os seus



filhos e que nós, enfermeiros por sua vez, ambicionamos ser competentes na nossa área do saber: entendemos assim que o segredo está no equilíbrio. Facilmente se julgam os pais que não querem vacinar os seus filhos, mas dificilmente paramos para pensar sobre as razões. Medo, desconhecimento, mitos, crenças culturais, são algumas das razões que levam à não

**“É graças à prática de vacinação continuada e universal da população portuguesa que se têm conquistado altas taxas de cobertura vacinal, atingindo percentagens de 96 a 97% na primovacinação”**

vacinação. Nós enfermeiros, temos tudo para quebrar qualquer barreira e no que concerne à vacinação, temos que acima de tudo ser detentores não só de competências técnicas, mas principalmente de competências humanas relacionais e que, como qualquer relação, cresce com o tempo.

E, numa altura em que tanto se fala em custo-benefício para tudo e todos, a vacinação tem dado provas de que é considerada, entre todas as medidas de saúde pública, a que melhor estabelece a intervenção na promoção da saúde, contribuindo para reforçar a ação comunitária, norteando os respetivos serviços de saúde. É caso para dizer: “Juntos somos mais fortes”. ♦